

realsbet ta pagando

O pole dance ganhou muitos adeptos nos últimos dois anos. Homens e mulheres estão conhecendo os benefícios para a saúde; de e para a autoestima que a prática traz. Esse maior reconhecimento do pole dance contribui para que pessoas do mundo inteiro desenvolvam campeonatos profissionais e, ainda, incluam nesses campeonatos os portadores de necessidades especiais. O instrutor de pole dance Yagho Panichi, de 21 anos, desenvolvendo o "para-pole", um sistema que adapta o pole dance para pessoas com alguma deficiência física baseado numa avaliação técnica prática. No projeto, o instrutor conta com a ajuda da fisioterapeuta Michele Deud e da educadora física Ketria Sronza, aluna da professora de educação física da PUC-PR e pole dancer, Keith Sato. Juntos, os quatro estão estudando os aspectos físicos e artísticos da modalidade em busca do reconhecimento do pole dance como esporte e da inclusão de pessoas com necessidades especiais.

Yagho afirma que esse sistema é um desafio que muitos dos passos realizados dependem das travas nas articulações dos braços e das pernas contra o poste. No entanto, a preparação do instrutor que deve compensar essas dificuldades do aluno e prepará-lo para competir como qualquer atleta.

"O instrutor precisa estar apto para lidar com essas pessoas, com as dificuldades e com as limitações físicas que elas têm", afirma.

O para-pole dance

O sistema pensado por Yagho é dividido em níveis de capacidade, muito parecido com o que acontece nos festivais de dança.

O nível iniciante compete com passos mais básicos e, conforme o atleta avança, os movimentos também vão ficando mais elaborados.

Esse sistema possibilitaria a participação de pessoas com alguma deficiência motora, pois seria possível criar uma categoria competitiva apenas para esses atletas.

"Eu me inspiro muito numa pole dancer australiana chamada Debbie. Ela faz movimentos muito difíceis, de coluna e pernas, tendo a amputação de um braço", comenta o instrutor.